

*Noites circenses - espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*, de Regina Horta Duarte. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

**Erminia Silva\***

Na introdução, Regina afirma que a produção historiográfica que tematiza a sociedade mineira, das últimas décadas, vem contestando tanto a imagem de opulência das Minas setecentistas quanto a idéia de uma economia decadente durante o século XIX, tornando-se necessário, então, uma reavaliação da vida cultural mineira oitocentista.

A problemática que orienta a pesquisa de Regina é o processo de “sedentarização, fixação e esquadriamento” das relações sociais, que foi crescentemente determinante ao longo do século XIX. Por meio do conceito de “governamentalização” do Estado Imperial (e não “estatização da sociedade”), entendido como um conjunto de “instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder”, a autora analisa o surgimento da população e do território como problemas a serem resolvidos e enigmas a serem decifrados. Discute como a sociedade mineira do século XIX foi mapeada, pesou e mediu suas riquezas, alinhou suas ruas e estradas, buscou dominar os rios e as águas, agiu para disciplinar homens e mulheres, conquistando-os para uma vida ordeira e laboriosa, fixou-se em atividades agrícolas e combateu populações incontroláveis, como bandidos, vagabundos e índios.

Contudo, mostra-nos vários elementos dissonantes nesses projetos de intenções homogeneizadoras, elementos “fragmentadores e desafiadores” da sedentarização e fixidez: movimentações nômades de índios, ciganos, vaga-

---

\* Doutoranda em História pela Unicamp.

<b>HISTÓRIA SOCIAL</b>	Campinas - SP	Nº 3	205-210	1996
------------------------	---------------	------	---------	------

bundos, bandidos, e artistas ambulantes de teatro e circo. Grupos que dificultaram a eficácia pretendida pelos discursos governamentais de construção de uma província “ordenada” na implantação daquelas medidas. Em um período de movimentação intensa que busca o “esquadriamento da sociedade” do século XIX, a presença dos artistas nômades “instaura linhas de fuga, detona desejos, fragmenta identidades e oferece caminhos e possibilidades imprevisíveis e perigosas”.

Após a análise, no primeiro capítulo, da sociedade mineira do século XIX, partindo da hipótese de que havia um movimento de “sedentarização e fixação”, para o qual vários grupos nômades aparecem contraditoriamente; a autora centraliza sua atenção na movimentação em torno dos espetáculos de teatro e circo. Observa um caráter marcante desses espetáculos no dia-a-dia da população mineira por meio de inúmeros relatos de memorialistas. Uma fonte privilegiada pela autora são os jornais do período, que além de possibilitarem avaliar a ressonância desses espetáculos nessa população, apresentavam-se como um de seus momentos, ao dedicarem várias páginas às suas apresentações. Regina também analisou: relatos de viajantes, leis regulamentadoras dos espetáculos, obras sobre o teatro escritas no século XIX, relatórios dos presidentes da província e a legislação mineira do período.

É na escolha desses elementos dissonantes para analisar a sociedade mineira do século XIX que esse livro se apresenta inovador, tanto com relação ao tema quanto ao tratamento metodológico adotado.

Ao privilegiar os artistas ambulantes de teatro e circo, Regina tornou-se uma das primeiras historiadoras, senão a primeira, a desenvolver uma análise da sociedade mineira do século XIX a partir do nomadismo e, o que interessa aqui em particular, tomando o circo como tema de análise. Assim, a obra é prioritariamente inserida no conjunto da produção acadêmica que tematiza o circo como objeto de estudo.

A maioria dos trabalhos acadêmicos brasileiros que utilizam o circo como objeto de estudo foi escrita durante a década de 70 e início de 80, ligados à antropologia, sociologia e educação. Salvo alguns memorialistas

ou a pequena produção “não-acadêmica”, são raros os trabalhos anteriores ou posteriores a esse período. A única produção “não-acadêmica” a se destacar, antes de 1970, é a do jornalista Júlio Amaral de Oliveira, que dedicou a maior parte de seus escritos, em vários jornais e revistas, à pesquisa da história do circo no Brasil.

As perspectivas teóricas e metodológicas da produção acadêmica mencionada, mesmo que alguns trabalhos tenham procurado trazer informações históricas sobre o circo no Brasil, analisam o circo na forma em que este se apresentava no momento da pesquisa. Um aspecto que chama atenção nessa produção é o fato de utilizar o circo como recurso para o estudo de outras temáticas. Assim, as análises são realizadas para se saber como se conformam e se veiculam, por meio do circo, as diversas ordens, já pré-definidas, de determinações - econômica, social, política e cultural - no lazer da periferia, ou então como o circo representa a migração da zona rural para a urbana; ou ainda como se pode, tendo o circo como objeto, estudar cultura popular *versus* cultura dominante, ou circo *versus* meios de comunicação de massa. Os processos culturais são analisados a partir de uma visão centrada nessas determinações, caracterizando pólos antagônicos, tais como elite e popular, centro e periferia, rural e urbano, cultura popular e cultura de massa. Essas divisões conceituais refletem um período em que os intelectuais procuram distinguir o que é ou não “popular” na sociedade.

O livro de Regina, apesar de ter um recorte temporal e uma abordagem teórica e metodológica diversa desses trabalhos, também considera os espetáculos circenses como manifestações importantes da vida cultural mineira do século passado. Porém, a autora não analisa esses espetáculos como manifestações populares ou eruditas, fugindo dos pressupostos clássicos dominantes nas ciências sociais, negando-se a discutir com conceitos pré-fixados relativos à cultura e à vida cultural; assim como foge de modelos explicativos de contextualização, de modo a não perder a riqueza e a “criatividade” dessas manifestações. Sua vantagem, como afirma Alcir Lenharo, no prefácio do livro, “é a de evitar esquematismos, justaposições simplificadas de formas de poder que acabam por levar o poder maior (do

Estado) a pressionar as forças sociais e culturais, a responderem ('resistirem') a ele. Regina confia as situações tensas e híbridas nas quais os esquadriamentos convivem apertadamente com linhas de fuga e desvios, ajudando-nos a perspectivar diferentemente (...) mais que a morosidade, o próprio impasse do alcance civilizador das iniciativas disciplinares".

Devido a seu caráter inovador quanto ao tratamento da pesquisa relativa às manifestações culturais, o livro faz surgir novas questões polêmicas para o campo disciplinar da história. Dentre elas, sem querer esgotar o assunto, interessa particularmente o debate em torno do nomadismo e da memória circenses.

Mesmo considerando os nômades a partir de sua positividade, e não sob o "signo da falta" e do "não-ser", como aqueles sem habitação fixa, que não deixariam traços duradouros de sua existência além de não serem civilizados, Regina utiliza o conceito "errante" como sinônimo de "nômade", como aquele que mantém a sua característica essencial de deslocar-se continuamente. Porém, ao assumir essa questão, não o faz sem incorporar um novo problema. Não é muito simples identificar estes dois conceitos.

Regina concorda que os trajetos nômades seguem "pistas e percursos" diferentes dos "sedentários", e que a construção de suas memórias e da sua forma de viver no mundo possui características singulares. Contudo, ao defini-los como "errantes/nômades" que ignoram os pontos em que se detêm, sendo essencial apenas os espaços percorridos, fazendo deles o próprio homem da "desterritorialização, deslocando-se numa terra que 'tende a devir simples solo ou suporte'" (p. 38), gera alguns equívocos que acabam por caracterizar os nômades em geral, e os circenses em particular, como "errantes" que vagueiam ou como "andarilhos" que não têm objetivo no seu deslocamento.

As particularidades do nomadismo circense são muitas e referem-se às diversas necessidades e singularidades de sua vida. Os trajetos percorridos por um circo inseriam-se em um plano e em um conjunto de estratégias definidores de um roteiro de viagens. Esses planos continham roteiros diferentes para cada região do país, de acordo com a estação do ano. Aproveita-

vam, também, a ocorrência de festas populares, procurando estabelecer um roteiro que coincidissem com essas festas. Além disso, definir o roteiro de viagem implicava “preparar” as cidades de destino: fazer a propaganda, escolher o terreno, reservar as acomodações necessárias, entrar em contato com as autoridades locais. Assim, para o circense, o ponto de referência é o destino do trajeto e não o simples percurso ou trajeto. Para eles há referências fixas que, inclusive, garantem essa mobilidade e o seu modo de viver, de ter a sua casa, de realizar o seu trabalho e de construir a sua família.

A análise de Regina sobre a “memória nômade” é outra questão a se discutir. A bibliografia em que se apóia trata da memória (coletiva, social, individual) a partir da referência da constituição da “memória sedentária”, valorizando os quadros espaciais fixos, onde a estabilidade dos objetos e edificações que cercam os membros de grupos sociais é um dado importante. Mesmo que a autora se proponha a analisar o caráter diferente e as especificidades da memória dos artistas nômades, essa análise acaba por reforçar apenas “os espaços percorridos” como constituintes de suas memórias, em contraponto aos “quadros espaciais fixos” dos habitantes das cidades. Por exemplo, ao analisar a memória familiar desse grupo, sugere esse contraponto, pois: “Nas companhias, as mulheres não eram, necessariamente, esposas ou mães, os papéis familiares não se definiam convencionalmente, dada a diversidade de origem dos membros e das relações entre eles”.

Sugere também que, devido à instabilidade e à mutabilidade, as recordações eram múltiplas e fragmentadas. É preciso considerar que “recordações múltiplas e fragmentadas” são parte da constituição da memória de qualquer grupo social, seja ele nômade ou não. Mas é preciso considerar, ainda, que as lembranças, como analisa a autora, não se inscreviam apenas na posse de objetos materiais, ou nos ensaios, ou nas cidades, platéias e paisagens visitadas. O grupo circense, desde sua origem, tem na tradição oral, e portanto na memória, a única forma de transmissão de seus saberes e práticas - “todo” o seu modo de vida, dependia das memórias preservadas de seus antepassados, que garantiam em seu “território” o modo de se constituírem como um grupo singular.

É exatamente a riqueza com que tematiza um debate instigante e novo no terreno da história que faz dessa produção uma leitura obrigatória para os historiadores em geral. E, considerando o modo cativante de escrever e a amplitude com que toca um conjunto de outros temas igualmente fascinantes, como, por exemplo, o teatro, o livro atravessa o seu “território” disciplinar.